

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

Lúcia Izabel dos Santos Telexa

**QUARTO DE DESPEJO; DIÁRIO DE UMA FAVELADA: CAROLINA
VAI À ESCOLA**

Florianópolis

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA
LÚCIA IZABEL DOS SANTOS TELEXA**

**QUARTO DE DESPEJO; DIÁRIO DE UMA FAVELADA: CAROLINA
VAI À ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito final à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Prof.^a M.^a Eveline Pena da Silva

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Telexa, Lucia Izabel dos Santos

Quarto de despejo; Diário de uma favelada : Carolina
vai à escola / Lucia Izabel dos Santos Telexa ;
orientadora, Eveline Pena da Silva - Florianópolis, SC,
2016.

66 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE
NA ESCOLA.

Inclui referências

1.Gênero e Diversidade na Escola. 3. Literatura
Marginal. 4. Escrivência. 5. Interseccionalidade. 6.
Raça. I. Silva, Eveline Pena da. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E
DIVERSIDADE NA ESCOLA. III. Título.

LÚCIA IZABEL DOS SANTOS TELEXA

QUARTO DE DESPEJO; DIÁRIO DE UMA FAVELADA: CAROLINA VAI À ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

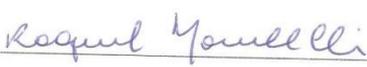
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

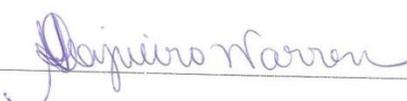
Banca Examinadora:



Raquel Mombelli



Dijna Andrade Torres



Mayra Ramos de Souza Cajueiro Warren

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”

Carolina Maria de Jesus

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos, Valquíria e Guilherme, pelo incentivo e paciência, e ao meu neto Noah, que brincando comigo, me tirava do estresse do estudo e do trabalho. Agradeço também aos professores e tutores do GDE, que foram incansáveis e brilhantes na minha caminhada neste curso. Agradeço aos colegas da turma Bertha Lutz, pessoas talentosas e amigas, que com suas histórias de vida acrescentaram novos valores a minha vida. Especialmente a tutora Samira Vigano que sempre esteve presente apoiando e nos dando força para tornar nossa caminhada mais leve.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

Quarto de despejo; diário de uma favelada: Carolina vai à escola trata de analisar o livro de Carolina Maria de Jesus, em sala de aula, para contemplar uma obra considerada Literatura Marginal. O trabalho foi feito em forma de pesquisa qualitativa e provou que a Literatura Marginal não é apresentada às/aos alunos de ensino fundamental, assim como as escrituras que fogem à norma padrão da língua que são discriminadas pelas/os professoras/es e pelos docentes, pois até hoje, privilegia-se a língua formal como de prestígio. Como o livro apresenta uma autobiografia de uma mulher, negra, pobre e moradora de uma favela de São Paulo, a leitura dele foi muito importante, também, para discutir com as/os estudantes questões de racismo, preconceito e discriminação, que aparecem muito no ambiente escolar. Para a realização deste trabalho, a discussão de conceitos como Gênero, Interseccionalidade, Raça, Literatura Marginal e Escrivência foram fundamentais. Para discutir esses conceitos usou-se as bibliografias estudadas no Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, entre outras. Além disso, por ser um trabalho feito na disciplina de Língua Portuguesa atentou-se para o preconceito linguístico e a diferença entre oralidade e escrita.

Palavras-Chave: Literatura Marginal. Escrivência. Gênero. Interseccionalidade. Raça.

ABSTRACT

Storage room; Diary of a favelada: Carolina goes to school tries to analyze the book of Carolina Maria de Jesus, in class, contemplating thus a work considered Marginal Literature, in a public school. The work was done in the form of qualitative research, in which we could verify that the Marginal Literature is not presented to students of elementary school, as well as the scriptures that deviate from the standard norm of the language, which are discriminated by teachers and students / Since the formal language is privileged as if it were the only possible and acceptable language. As the book presents an autobiography of a black, poor, and a woman living in a favela in São Paulo, reading the book also served as a motto for discussing with students the issues of racism, prejudice, and discrimination that appear in the school environment. For the accomplishment of this work, the discussion of concepts such as Gender, Intersectionality, Race, Marginal Literature and Statelessness were fundamental. In addition, because it research which focused in a Portuguese Language classroom, it was attentive to linguistic prejudice and the difference between orality and writing.

Keywords: Marginal Literature. Writings. Genre. Intersectionality. Breed.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	QUESTÕES TEÓRICAS	17
2.1	Literatura Marginal, Preconceito Linguístico e Escrivivência	17
2.2	Gênero	24
2.3	Interseccionalidade	25
2.4	Raça	26
3	CENÁRIO DE ESTUDO	31
3.1	Participantes do estudo.....	32
3.2	Coleta de dados	32
3.3	Análise dos dados	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5	REFERÊNCIAS	39

LISTA DE ABREVIATURAS

GDE – GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

UnB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

USP - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PPGH – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

UNISINOS – UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1 INTRODUÇÃO

A catadora de papel que se transformou em catadora de letras mostrou aos alunos de uma turma de ensino fundamental da rede pública de Florianópolis, que a favela é o quarto de despejo de uma cidade, e os pobres são os trastes velhos. Foi pensando em letras que este trabalho aconteceu, pois, trabalho com elas. Assim as letras de Carolina serviram para mudar a perspectiva do trabalho na disciplina de Língua Portuguesa e para discutir Literatura Marginal, Escrivência, Gênero, Interseccionalidade e Raça. A ideia de produzir este trabalho partiu de uma angústia carregada por mim durante algum tempo e que passou a tornar-se mais latente com a Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE). A angústia era de estar em sala de aula e não ver no currículo da escola literaturas ditas marginais. Foi aí que veio a ideia de levar Carolina Maria de Jesus para a sala de aula, pois o seu livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955) tem muitos subsídios para discutir as questões que foram pautadas durante a especialização. Então, com o livro debaixo dos braços, parti para uma pesquisa qualitativa fazendo uma pergunta inicial: as/os alunas/os conhecem escritoras/es negras/os?

Quarto de despejo; diário de uma favelada (1955) é uma edição dos diários de Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento, Minas Gerais, em catorze de março de mil novecentos e catorze e falecida em treze de fevereiro de mil novecentos e setenta e sete. Provavelmente, os pais de Carolina migraram para São Paulo, local de onde, como moradora da Favela do Canindé, ela relata a amarga realidade das/dos faveladas/os na década de cinquenta.

Foi nessa década, conhecida como “anos dourados”, que encontramos a heroína deste trabalho, Carolina Maria de Jesus _ ela catava papel para sobreviver, mas também catava palavras e as colocava em um diário. Faltava-lhe o feijão, faltava-lhe o pão, mas não lhe faltavam palavras para jogar nas folhas de papel.

Quando alguém perguntava por que escrevia, a autora dizia que nos momentos em que não tinha nada para comer, ao invés de xingar, ela escrevia. Também gostava muito de ler e relatava que, ao ler, o indivíduo adquiria boas maneiras e formava o caráter. Impulsionada pela leitura, Carolina percebeu que a sua vida poderia ser diferente, afinal, com uma infância sofrida, ela poderia ter se rendido a uma vida marginal, uma vez que vivia rodeada de exemplos que poderiam desviá-la para

caminhos tortuosos. A vida na favela era feita de muita luta, escrever o diário servia como forma de desabafo. Contudo, Carolina sentia e queria que um dia sua história fosse ouvida, porque precisava denunciar a “falta de tudo” que aqueles moradores tinham. Ao pensar no nome para o diário acaba criando um novo sentido para a palavra favela.

Quarto de despejo; diário de uma favelada recebe este nome porque, segundo a autora, em mil novecentos e quarenta e oito,

quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres somos os trastes velhos. (JESUS, 2013, p.195)

Carolina dá um novo sentido para a palavra favela, porém convém lembrar que esta se originou de um fato bastante marcante e muito importante, ocorrido no Brasil na passagem do século XIX para o século XX: a Guerra de Canudos. Essa guerra ocorreu entre mil oitocentos e noventa e seis e mil oitocentos e noventa, na qual milhares de sertanejos, liderados por Antônio Conselheiro, cansados de humilhação e dificuldades, criaram a cidade de Canudos, no interior da Bahia, e revoltaram-se com a situação em que viviam, pois, o sertão estava tomado de latifúndios improdutivos, além da seca. Nos arredores da cidade, na caatinga nordestina, havia uma planta espinhenta e resistente chamada “Favela”, o nome foi dado ao morro que ficava em Canudos.

Carolina Maria de Jesus lança mão de palavra tão forte e cria uma metáfora resistente como ela e como os moradores do Canindé.

Encantada com essa metáfora, escolhi a temática deste trabalho, pois a escritora, ao escrever um diário, acabou por esboçar um cenário de luta dos moradores das favelas por sobrevivência. Além disso, com seu linguajar simples e decidido, os seus “erros gramaticais” só confirmam maior realismo, culminando em momentos de intenso lirismo e expressão. Assim, ela se inscreve na história da literatura brasileira.

Ao apresentarmos esta temática queremos levantar questões como: por que essa literatura brasileira é classificada como Literatura Marginal? De que maneira o diário pode contribuir para debater, nas escolas, as condições das mulheres

negras, levando as/os alunas/os a entenderem os conceitos de Gênero e Raça? Por que o conceito de Interseccionalidades, construído pelas feministas negras, aparece na figura de Carolina Maria de Jesus? Por que a escrita de Carolina Maria de Jesus é relevante para combater o Preconceito Linguístico?

Em vista disso, o objetivo deste trabalho foi conhecer o livro, *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955), de Carolina Maria de Jesus, apontando o quanto é relevante trabalhar com seus conteúdos em sala de aula, por apresentar uma escrita feminina marginalizada, que será ponto de partida para discutir questões de gênero, racismo e preconceito linguístico, além de fazer uso da literatura como algo mais próximo da realidade das/os alunas/os.

Como objetivos específicos espera-se contribuir para que as/os alunas/os aceitem a diversidade da nossa população, pois estaremos discutindo em sala de aula a importância da cultura negra no Brasil, e, também construindo formas de combater o racismo no ambiente escolar. Neste debate estaremos fazendo uma relação da condição da mulher, na sociedade, principalmente da mulher negra, pois as mulheres são atravessadas por interseccionalidades, as quais são vivenciadas pela personagem de *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955) de Carolina Maria de Jesus. Além disso, iremos investigar, de forma breve, as marcas de oralidade presentes na narrativa de Carolina Maria de Jesus o que contribuirá para fazer com que as/os alunas/os percebam a diferença entre linguagem formal e linguagem informal.

No âmbito da diversidade da língua faremos um registro das palavras empregadas por Carolina, no livro, para observar as mudanças desde mil novecentos e catorze.

Lendo o diário as/os alunas/os estudaram formas de reproduzir as nossas vivências, pois o diário conta a vida de cada um, é a escrita de si, a autobiografia, gênero bastante discutido nas aulas de Língua Portuguesa, logo, a escrita de um diário é uma *escrevivência*, conceito que também será discutido neste trabalho.

A primeira coisa que as/os alunas/os notaram ao conhecer o diário de Carolina Maria de Jesus foram os “erros gramaticais”, e isso foi mote para discutir o preconceito linguístico. Isso fez com que as/os alunas/os¹ percebessem que

¹ Usou-se as/os para marcar o gênero, já que é um trabalho Feminista.

todos têm a possibilidade de escrever, ou seja, não é preciso escrever somente em linguagem formal. A riqueza do diário fez com que entendessem a variedade da língua e compreendessem que qualquer pessoa pode contar suas histórias, que são registros ricos que enobrecem nosso mundo e nos fazem perceber que os sujeitos são capazes através da escrita de deixar marcas da sua comunidade.

Com a escrita de Carolina é possível discutir a importância da cultura negra no Brasil, objetivando assim, estabelecer um debate relacionado com o racismo no ambiente escolar. A condição da mulher negra é relevante, também, no contexto escolar, pois se as mulheres brancas sofrem discriminação, imagine o que sofrem as negras. Sendo assim, a proposta é refletir sobre as marcas, as intersecções que a personagem principal de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* apresenta.

Por ser um diário, a escrita apresentada é na forma oral (escreve como fala). No cenário da disciplina isso é importante de ser investigado, pois nesse momento a professora tem a possibilidade de explicar a diferença entre a língua falada e a escrita, bem como a diferença entre linguagem culta e informal.

A língua é viva, modifica-se, acompanha os povos através dos tempos, e algumas expressões mudam de estrutura e de sentido. No diário de Carolina Maria de Jesus, uma escrita de mil novecentos e catorze, aparecem alguns vocábulos bem diferentes dos dias atuais. Mostrar estas diferenças também faz parte da disciplina de Língua Portuguesa.

Após seis anos em sala de aula, trabalhando com a disciplina de Língua Portuguesa, nos anos finais do ensino fundamental, percebi que há um distanciamento entre as teorias de ensino, as propostas curriculares e o cotidiano escolar. Existe uma desarmonia com as instruções educacionais e a ação, que se suspeita serem vindas da carência da formação de professores, das deficientes condições estruturais e pedagógicas do ensino público, o que contribui para um afastamento entre o mundo da/o aluna/o e a escola. Sabe-se que o currículo escolar prioriza a leitura de clássicos ou de uma literatura reproduzida pela classe dominante, o que foge da realidade das/os alunas/os das classes pobres.

Entendemos que a realidade das/os estudantes, dentro do contexto escolar, contribui para a sua aprendizagem, logo os problemas do cotidiano, as questões sociais, dessas/es alunas/os, devem ser contempladas na grade curricular.

Todas as pessoas carregam consigo experiências de vida, por isso não há como separar a realidade da absorção de conteúdos. Sendo assim, o currículo deve observar as experiências de vida dos/as estudantes. “Por que não estabelecer certas intimidades entre os saberes curriculares fundamentais às/aos discentes e a experiência social que elas/es têm como indivíduos”? (FREIRE, 1998, p.34).

Durante estes anos em sala de aula percebi que os educandos transformam em conhecimento aquilo que é significativo para eles, por isso a escola deve tentar a inserção do conhecimento e de experiências que visem uma contribuição mais próxima da realidade da/o discente.

O livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955) de Carolina Maria de Jesus é uma vertente literária chamada de Literatura Marginal, pois foge dos padrões clássicos de literatura, porém entende-se que por ser uma escrita simples, com um linguajar que se aproxima da oralidade das/os alunas/os, pode contribuir para a identificação da/o jovem com a sua realidade e com isso tornar o conteúdo de Língua Portuguesa mais significativo. Além disso, a temática do livro abrange questões de gênero e raça que fazem parte dos temas transversais que devem ser trabalhados em sala de aula.

Conhecer Carolina Maria de Jesus abriu uma possibilidade de tentar revolucionar o trabalho com a literatura, em sala de aula. Em minha formação li vários clássicos, mas não havia percebido que entre eles não circularam autoras/es negras/os. Por isso, ao perceber a riqueza da escrita de Carolina, resolvi trazê-la para este trabalho, possibilitando uma mudança de pensamento na construção do currículo escolar, uma vez que ele é discriminatório, quando só apresenta a escrita do colonizador. Em Carolina vai à escola quer se alterar e apresentar às/aos discentes a escrita do colonizado, abrindo caminhos para a escrita marginal, rompendo barreiras e buscando diminuir o preconceito sofrido pela literatura dita “marginal”.

A Literatura Marginal é uma forma que surgiu na década de setenta, sendo um tipo de texto que exhibe características próprias aproveitando a linguagem coloquial, ou seja, fugindo da linguagem formal/padrão. As escolas, em sua maioria, prezam pelo estilo formal, vindo das classes dominantes, o que muitas vezes faz com que as/os alunas/os das escolas públicas, de classes baixas, sejam forçadas/os a leituras textuais de gêneros que não trazem nenhum significado para

elas/es. Por isso, trabalhar com o livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955) de Carolina Maria de Jesus, no qual a escrita foge do padrão formal é uma maneira de aproximá-los/las do seu linguajar. Contudo, não se desconsidera a leitura de clássicos, mas sim, uma proposta de mudar a realidade apresentando à/ao aluna/o um novo estilo literário, com o intuito de incitá-los/las a serem leitoras/es e quiçá escritoras/es competentes.

A personagem de *Quarto de despejo; diário de uma favelada* é uma mulher negra, mãe solteira e pobre, o perfil de ser humano que sofre algumas segregações: a racial e a de gênero, além da desigualdade social, por conta da pobreza. Isso é uma combinação de processos diversos de dependência, sendo descritos como cargas múltiplas, ou seja, carrega problemas que a tornam sofredora de um sistema injusto/discriminatório. Esse é o conceito de *interseccionalidades*, que será abordado aqui, tomando os estudos de Kimberle Williams Crenshaw (2002). Este conceito é fundamental para apresentar às/os alunas/os as questões de gênero, raça e sexualidade que oprimem a vida de muitas pessoas pelo preconceito que recebem e que deve ser combatido dentro da escola.

Esta obra de Carolina Maria de Jesus é impactante no sentido de que, através dela, é possível abordar um conjunto de violências sofridas pelas mulheres, principalmente, as mulheres negras.

Sabe-se que:

O ambiente escolar, tal como microcosmo da sociedade brasileira, apresenta mecanismos racistas e sexistas que se conformam para a exclusão ou o atraso escolar dos jovens do sistema escolar educacional desde a mais tenra idade. Estudos qualitativos identificam a ocorrência de discriminação e preconceito racial nas relações intracomunidade escolar, tanto entre pares (alunos e alunos) quanto na relação hierárquica entre professores e alunos, e mesmo da direção escolar (GROSSI, 2015, p.196).

O livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* servirá de mote para abordar demandas de discriminação, preconceito e sexismo dentro da escola.

Fala-se muito de preconceito enquanto forma de exclusão social, contudo existem inúmeras formas de preconceito, e um dos mais praticados é o Preconceito Linguístico. Esse tipo de preconceito, segundo Marcos Bagno (2007), está presente nos livros e dicionários e baseia-se na gramática normativa. *Quarto de despejo; diário de uma favelada* é escrito totalmente fora dos padrões da gramática

normativa, e, por isso, serve como exemplo para expor às/aos educandas/os os padrões de escrita definidos, demonstrando que a língua também é um instrumento de exclusão social.

Em vista disso, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos distribuídos na Introdução que faz um apanhado dos aspectos gerais do trabalho, no capítulo dois apresenta-se as questões teóricas que abordam os conceitos de Literatura Marginal, Preconceito Linguístico, Escrivência, Gênero, Interseccionalidade e Raça. O terceiro capítulo traz o cenário de estudos apresentando os participantes do estudo, coletas de dados e análise de dados. Termina-se com as considerações finais.

Sabemos que o tema em questão não se esgota nesta pesquisa e que todos os dados e discussões aqui apresentados se referem a um determinado recorte, em um determinado tempo e espaço, abrindo possibilidades até mesmo para estudos futuros. Sigamos então com os principais aspectos teórico-metodológicos.

2 QUESTÕES TEÓRICAS

Visando alcançar os objetivos propostos, definimos o enfoque que daríamos à pesquisa, ou seja, as teorias ou categorias teóricas utilizadas. Neste sentido, os principais conceitos (ou categorias) empregados foram a Literatura Marginal e o preconceito linguístico, já introduzidos anteriormente e que serão melhores discutidos, e na sequência abordaremos os conceitos de escrevivência, gênero, interseccionalidade e raça.

2.1 LITERATURA MARGINAL, PRECONCEITO LINGUÍSTICO E ESCREVIVÊNCIA

A Literatura Marginal produzida por algumas/uns autoras/es na contemporaneidade recebeu atenção da mídia e da crítica especializada, porém essa escritura apareceu apenas como notícia e objeto de estudo. No caso de Carolina Maria de Jesus ocorreu esse fenômeno, tanto que seus livros foram editados durante um tempo e depois, ela foi esquecida. “Carolina foi transformada de um dia para outro numa patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade”. (DANTAS, 1955. Prefácio)

A cinderela a que se refere Audálio Dantas foi a primeira mulher negra a ter livros editados levando para conhecimento do mundo a história de pessoas que viviam em condições sub-humanas.

O professor de história, José Carlos Sebe Bom Meihy, relata na Revista de História.com.br, sob o título de Conto das ruas, no dia cinco de maio de dois mil e dez;

Carolina despontou no cenário nacional nas agitações políticas que marcaram os chamados “anos dourados”, iniciados no governo de JK. No quadro da contracultura, cabiam tipos sociais que representassem as contradições nacionais. Nesse conjunto, a experiência de mulher batalhadora que sobrevivia graças ao lixo da cidade valia como argumento de interesse social. Foi assim que Carolina se transformou em representante de temas que empolgavam o debate político da esquerda e da direita.

Observa-se assim que ao ser descoberta por Audálio Dantas, o repórter da Folha da Noite, que se encantou com seus cadernos escritos em letras grandes,

Carolina Maria de Jesus realiza seu sonho de obter fama e dá ao jornalista a possibilidade de apresentar o drama de populações desassistidas. Desse encontro de sucesso o livro de Carolina é publicado pelo repórter alcançando mais de um milhão de exemplares e aparece como um dos textos mais conhecidos no exterior. Percebe-se que Audálio Dantas vê na escritora uma possibilidade de mudança no cenário dos autores do Brasil. A significância desse fato é histórica e simbólica, pois foi preciso um homem, branco, dar visibilidade aos escritos de Carolina, como que a referendando para que a voz dela pudesse ser ouvida.

A cinderela saída do borralho do lixo era uma diferença em relação às escritoras brancas, que escreviam a norma culta padrão da “boa literatura”. Como exemplo, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles. Sendo assim o momento era propício para Carolina Maria de Jesus, porque esperava-se uma mudança “nos anos dourados” que mostraria novas coisas do Brasil, era de interesse social esse tipo de pessoa e de escrita.

Sebe Bom Meihy (2010) aponta que:

a seu favor, Carolina tinha o fato de usar a favela como cenário e a miséria como matéria do cotidiano. Estratégias de sobrevivência e reações ao comportamento social alimentavam páginas avessas ao papel da ficção elegante, dos livros eruditos, e punham em questão as políticas públicas e os estudos sociológicos.

Porém, para a opinião pública da época, Carolina Maria de Jesus contrariava a lógica dos modelos ditatoriais e seus escritos fugiam ao padrão e assim ela sofreu discriminação. A discriminação foi tanta que ela some das livrarias após algum tempo.

Pode-se afirmar que foram bem poucas as escritoras que puderam trazer à baila histórias de pobreza ou da cultura de pessoas marginalizadas o que dificulta trabalhar a literatura marginal. Contudo alguns estudos em torno disso foram realizados um deles foi da professora Regina Dalcastagné (2003).

A professora Regina Dalcastagné, doutora em Teoria Literária pela Unicamp e professora de literatura brasileira da UnB, fez um estudo sobre a existência da cidade na visão brasileira contemporânea destacada nos romances, e mostra um traço de extrema importância: a marca da segregação nas páginas dos livros e no perfil das/os autoras/es. A professora percebeu que a cidade a que temos acesso

por meio dos textos literários é, assim como a cidade real, extremamente elitizada e excludente. Ela acrescenta que “a literatura é feita da ausência de mulheres, pobres, cegos, portadores de deficiências físicas e mentais, velhos, crianças, estão todos de algum modo excluídos nas ruas e contornos urbanos que se apresenta nos textos contemporâneos” (DALCASTAGNÉ, 2003, p. 24).

As informações da pesquisa de Regina Dalcastagné e sua equipe constam do ensaio na revista Latino-Americana de História.

O significado de “marginal”, do ponto de vista estético-cultural, tem uma utilidade específica na história da literatura brasileira e refere-se ao movimento da década de setenta do século XX, inverso às formas de produção e circulação da literatura, conforme o circuito estabelecido pelas grandes editoras, resultando em obras sobretudo poéticas, algumas produzidas artesanalmente e muitas vezes distribuídas na porta de bares, museus e cinemas.

Segundo Heloísa Buarque de Hollanda,

A recusa das “formas sérias do conhecimento” passa a configurar um traço importante e crítico de uma experiência de descrença em relação à universalidade e ao rigor das linguagens técnicas, científicas e intelectuais. E essa atitude anti-intelectualista não é apenas uma forma preguiçosa ou ingênua, mas outra forma de representar o mundo (HOLLANDA, 2004, p.111-112).

Nessa nova forma de representar o mundo excedendo técnicas literárias, os sujeitos assumem um novo papel no dia a dia, vivenciando uma nova situação, uma maneira diferente de considerar a relação com a arte e a cultura. Sendo assim, “a marginalidade desse grupo não é apenas literária, mas revela-se como uma marginalidade vivida e sentida de maneira imediata frente à ordem do cotidiano” (HOLLANDA, 2004, p.113).

A Literatura Marginal está ligada à periferia, ela reorienta o mundo e cria novas identidades. Temos alguns exemplos de textos que se transformaram em literatura brasileira como os poemas satíricos de Gregório de Matos, no qual os pobres são explorados, os moradores dos cortiços de Aluísio Azevedo, os sertanejos de Euclides da Cunha e os favelados de Carolina Maria de Jesus.

A particularidade característica da Literatura Marginal contemporânea é o fato de ser produzida por autores da periferia, trazendo novas visões, a partir de um olhar interno, sobre a experiência de viver na situação de marginalizados

sociais e culturais. Essa é uma diferença importante, pois a maior parte dos escritores que povoaram suas páginas com os marginais e marginalizados da sociedade, salvo algumas poucas exceções, não pertencem a essa classe de indivíduos, mas assumem o papel de porta-vozes desses sujeitos, falando em seu lugar, assumindo a sua voz, por isso a importância da escrita de *Quarto de despejo; diário de uma favelada*, porque Carolina viveu o que escreveu. Sendo assim, a Literatura Marginal está ligada diretamente ao Preconceito Linguístico.

Marcos Bagno, tradutor, escritor e linguista, é Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, autor do livro *Preconceito Linguístico - o-que é, como se faz, (2007)* aponta que esse tipo de preconceito nasce da ideia de que há uma única Língua Portuguesa correta, que é a ensinada nas escolas, está presente nos livros e dicionários e baseia-se na gramática normativa.

A autora de *Quarto de despejo; diário de uma favelada* tinha apenas dois anos de estudos, logo sua escrita era “precária”, por isso seus livros foram aceitos somente em um momento político propício, mas sua escrita não é adotada nas escolas, uma restrição ocorrida pelo Preconceito Linguístico, que é uma forma de exclusão social.

Marcos Bagno colocou na capa de seu livro as fotos de sua sogra, Alice Francisca, seu sogro, José Alexandre e o seu cunhado, Sóstenes, com isso ele diz que como o livro trata de discriminação e exclusão, decidiu homenagear pessoas que jamais poderão ler o seu livro, pois eles são pessoas marcadas pelo preconceito na sociedade: negros, nordestinos, pobres, analfabetos. “ Alice Francisca carrega o estigma de ser mulher numa cultura entranhadamente machista” (BAGNO, 2007, p.11). Pode-se comparar a capa do livro de Bagno ao retrato de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, pobre e analfabeta, imagem da discriminação e exclusão.

É intenção desta pesquisa lutar contra qualquer forma de preconceito, contudo, entende-se que combater o Preconceito Linguístico do livro, é bastante difícil, pois ainda se vê esse tipo de preconceito sustentado na sociedade brasileira em revistas, programas de televisão, jornais e manuais que continuam ensinando

o que é certo e errado na língua, dando ênfase sempre a gramática normativa, aplicando-se também ao ensino nas escolas e nos livros didáticos.

Conforme Marcos Bagno é preciso desconstruir alguns mitos como, por exemplo, o daquele que a Língua Portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente. Para Bagno este mito é o mais sério dos mitos que compõem a mitologia do Preconceito Linguístico, pois ele está na fala de alguns intelectuais mais respeitados pela nossa cultura. Nesse caso cita Darcy Ribeiro que diz em seu estudo sobre o povo brasileiro:

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos (Folha de S. Paulo, 5/2/95. In BAGNO, 2007, p.15).

Essa é uma tradição de estudos gramaticais e filológicos que se entende foi apresentada, durante muito tempo, para manter a língua formal e privilegiar a elite, impondo um preconceito inexistente em relação à unidade linguística do Brasil. Marcos Bagno acredita que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007, p. 15)

Observa-se sempre, como professora de Língua Portuguesa, que apesar da língua falada pela grande maioria dos habitantes ser o português, esse português exibe um alto grau de heterogeneidade e de desigualdade, pela grande extensão territorial do país, geradora de diferenças regionais, as quais algumas sofrem muito preconceito. Acrescenta-se ainda, o fator injustiça social que faz do Brasil um país com uma péssima distribuição de renda, o que agrava as diferenças de *status* social, gerando uma discrepância entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro, que são maioria da população e os falantes da (pensada) variedade culta, que é a língua ensinada na escola.

É intenção desta pesquisa fazer com que a escola abandone o mito da unidade do Português no Brasil e reconheça sua diversidade linguística, criando ações para mudar o atendimento aos falantes das variedades não padrão.

Mesmo que a escrita de Carolina Maria de Jesus continue sendo considerada uma literatura marginal, reforça-se o estudo dos seus livros para que se consiga chegar mais perto do universo das/os alunas/os de classes inferiores que ainda não têm acesso ao cânone literário. Sabe-se que a Literatura Marginal apresenta características próprias abusando da linguagem coloquial, das gírias, dos regionalismos, diferente da linguagem formal. Em sala de aula percebe-se um certo desinteresse dos estudantes vindos das classes populares ao se depararem com um capital cultural da classe dominante, esse capital cultural é imposto nas escolas e não apresenta identificação com essas/es alunas/os. Portanto, trabalhar com a Literatura Marginal pode levá-los a se identificarem com uma escrita diferente, já que para a maioria, os clássicos possuem um linguajar muito rebuscado e de difícil compreensão. Busca-se fazer com que através da Literatura Marginal as/os alunas/os que utilizam a linguagem coloquial possam se ver e perceber que a escola pode falar o mesmo linguajar. Contudo é importante lembrar que a literatura clássica também é muito importante para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Não se abandonará os clássicos, mas se propõe apresentar um novo estilo literário para mudar a realidade dos alunos e ajudar para que sejam leitores e escritores proficientes.

Entende-se que a escola não respeita as diversidades culturais que nossos educandos trazem e sendo assim a escola “erra”, pois marginaliza a cultura das/os alunas/os, isso muitas vezes leva-os ao fracasso escolar.

O fracasso escolar está vinculado ao capital cultural ou a falta dele, porque a escola exige das/os alunas/os certa cultura que muitos deles não têm levando-os a reprovação.

Segundo Bourdieu “é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito escolar da criança” (OLIVEIRA; ESPINDULA; SANTANA, 2015, p. 4), logo, pode-se reconhecer que quanto maior for o poder aquisitivo da família, maior é a possibilidade de sucesso escolar da criança, pois as famílias que possuem maior capital econômico aplicam em capital cultural, como livros, teatros, cinemas, museus, viagens, etc.

Sabe-se que as/os alunas/os de escola pública fazem parte de famílias que não têm condições de investir em cultura, por isso a escola tem que suprir essa carência cultural. Contudo, Magda Soares aponta que:

[...] do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas as noções de carência cultural são inaceitáveis: não há cultura superior e inferior, mais complexas e menos complexas, ricas e pobres: há culturas diferentes e qualquer comparação que pretenda atribuir valor positivo ou negativo a essas diferenças é cientificamente errônea. (SOARES, 1994, p.14)

Observa-se que a falta de capital cultural prejudica o desempenho dos estudantes, mas será que elas/es não possuem cultura? Ou a escola força-os a entenderem uma cultura que não é significativa para elas/es?

Veja o que é cultura! Pode-se definir cultura por tudo aquilo que adquirimos do meio no qual vivemos como: costumes, linguagens, hábitos, vestimentas, religião, valores, etc. Cada comunidade tem sua cultura, logo não há cultura inferior ou superior, pobre ou rica, mais ou menos complexas e sim diversas culturas que vivem em uma mesma sociedade. A sociedade brasileira é composta de um pluralismo cultural, pois trata-se de um país de dimensões continentais. Uma pessoa que vive no Norte não fala, não come, não se veste como uma pessoa que vive no Sul. Em uma sala de aula, na mesma cidade podemos encontrar várias etnias. Portanto, devemos respeitar essas diferenças! Cada sujeito tem uma história que é diferente, cada um/uma tem uma visão de vida singular que deve ser respeitada e considerada dentro da escola, são vivências que enriquecem o ambiente escolar.

Com a “visão de dentro da favela”, Carolina Maria de Jesus apresenta *Quarto de despejo; diário de uma favelada* no qual escreve sobre a sua vida, as vivências dela e dos habitantes do Canindé. Assim, pode-se afirmar que a escritora *escre/vivências*, pois, o diário é um registro de vida. A escrita de Carolina é uma *escrevivência*.

O conceito de *Escrevivência* é novo, mas no caso da escrita de Carolina Maria de Jesus, ele aplica-se perfeitamente. Esse conceito foi publicado no livro *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*, de Marco Antônio Alexandre, (2007) e foi apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. A autora do texto é Conceição Evaristo, que dá o nome de *Depoimento* ao texto, no qual, falando de sua infância e de sua

mãe, diz que: “Escrevivência consiste na escrita a partir das experiências que o autor obtém ao longo de sua vida. Tendo essa vivência como base, cada autor acaba por ter pontos de vista diferentes sobre uma mesma situação ou fato” (EVARISTO, 2005, p. 1).

Conceição Evaristo nasceu em uma família de mulheres negras cozinheiras, faxineiras e empregadas domésticas e que, coincidentemente, também viveu sua infância em uma favela, a Favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte, onde teve uma vida miserável. Foi ouvindo histórias da mãe e das tias que começou a inventar as suas próprias histórias. Assim como Carolina Maria de Jesus, Evaristo faz da sua escrita uma forma de sobrevivência para exaltar a realidade da sua vida àquilo que ela chama de “*escrevivência*”.

Conceição Evaristo fez sua estreia como escritora com *Ponciá Vicêncio* (Ed. Maza) lançado nos Estados Unidos, na França e no México. Com *Olhos d'água* (Pallas), venceu o Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015. Com *Histórias de leves enganos e parecenças*, uma reunião de contos, ela marcou sua estreia na Editora Malê. É importante ressaltar que muito parecida com Carolina Maria de Jesus, a criadora do conceito de *Escrevivência* apresenta em todos os seus trabalhos uma crítica social e fala também de religiosidade, o que ela chama de ancestralidade. Tal qual Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, diz que: “eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também” (O Globo, 11/07/2016).

2.2 GÊNERO

Está-se falando da mulher negra, um gênero, uma categoria de análise. Em português como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Contudo, apenas alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de maneira sexuada; mesmo assim, as palavras que as nomeiam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E foi percebendo que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não tem sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de

sexo, para reforçar que as particularidades nos comportamentos de mulheres e homens não eram vinculadas ao sexo como questão biológica, porém eram definidos pelo “gênero”, logo, ligados à cultura.

Joana Maria Pedro afirma que “ o uso da palavra “gênero” tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito. ” (PEDRO, GDE, módulo I, 2015, p. 117) Além disso a palavra “gênero” passou a ser usada no interior dos debates feministas que buscavam uma explicação para a subordinação das mulheres. O entendimento de como a palavra "gênero" foi utilizada perpassa pelas trajetórias feministas e de mulheres. O movimento social chamado "feminismo" é estudado e classificado em "ondas", a primeira delas tendo ocorrido no final do Século XIX e centrado suas reivindicações nos direitos políticos das mulheres, como o direito ao voto.

A “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e “deu prioridade às lutas pelo direito do corpo, ao prazer, e contra o patriarcado — entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres ” (PEDRO, 2015, p. 118). Foi na “segunda onda” que a categoria de “gênero” foi criada, como criação das lutas do feminismo e das mulheres.

Depois de muita luta, os movimentos feministas dividem-se porque algumas indagações surgem, uma delas feitas pelas mulheres negras: será que todas as mulheres são iguais? Têm os mesmos interesses?

2.3 INTERSECCIONALIDADE

Mulheres negras como Carolina Maria de Jesus portam algumas segregações: a racial e a de gênero, além da desigualdade social, por conta da pobreza, logo carregam processos diversos de dependência, que são descritas como cargas múltiplas, ou seja, carregam problemas que a tornam sofredora de um sistema injusto/discriminatório. Esse é o conceito de *Interseccionalidades*, que é uma “ferramenta teórica que permite pensar na articulação de várias categorias (gênero, sexualidade, raça/etnia, classe, geração etc.) para entender um fenômeno discriminatório (GDE, 2009, p.123). Essas categorias são marcas que as mulheres negras levam.

Essas marcas são o intercruzamento de opressões que impactam na vida de mulheres marginalizadas. Trata-se de *Interseccionalidades* de raça, gênero e sexualidade - conceito teórico elaborado pelas feministas negras. O feminismo negro é uma escola de pensamento que alega que o sexismo, a identidade de gênero, a opressão de classes e o racismo estão incontestavelmente unidos e a forma como eles se relacionam entre si chama-se *Interseccionalidade*. O conceito teórico de *Interseccionalidade* foi apresentado pela primeira vez por uma das principais defensoras dos direitos civis americanos e principal estudiosa da teoria racial crítica, Kimberlé Crenshaw, em 1989. Quando abordou o feminismo negro, Crenshaw justificou que a experiência de ser uma mulher negra não pode ser entendida de forma independente, pois são interações que se reforçam mutuamente.

Conforme Crenshaw

a Interseccionalidade é uma associação de sistemas múltiplos de subordinação, sendo descrita também como cargas múltiplas, ou como, que concentra problemas, buscando capturar as consequências estruturais de dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O feminismo negro aponta que as mulheres negras são colocadas dentro de estruturas de poder de maneiras diferentes das mulheres brancas, logo as negras carregam cargas múltiplas, marcas que as fazem sofrer discriminação ocasionando uma divisão racial que enfraquece as ideias feministas, porque as mulheres negras sofrem racismo.

2.4 RAÇA

Sabe-se que do ponto de vista científico não existem raças humanas, mas apenas uma raça humana. Contudo, do ponto de vista político e social é justificável identificar a existência do racismo enquanto atitude. Sendo assim, só há senso para usar o termo “raça” numa sociedade marcada pelo racismo. Para Miriam Pillar Grossi,

Racismo: É uma doutrina que afirma não só a existência das raças, mas também a superioridade natural e, portanto, hereditária, de umas sobre as

outras. A atitude racista, por sua vez, é aquela que atribui qualidades aos indivíduos ou aos grupos conforme o seu suposto pertencimento biológico a uma dessas diferentes raças, portanto, de acordo com as suas supostas qualidades ou defeitos inatos e hereditários (GROSSI, 2009, p. 197).

No Brasil, o termo raça é empregado por vários movimentos sociais, em particular pelos movimentos negros. O emprego do conceito de raça é apropriado para diferentes visões políticas, tanto para grupos e indivíduos que o usam como forma de discriminação racista, bem como por movimentos sociais que lutam pelo fim do racismo. Conforme Rita Segato, o uso de determinada terminologia tem profundo significado político:

Existe um papel nominativo importante que nomeia uma diversidade de sofrimentos e expõe a necessidade de sua erradicação. Esses nomes: “genocídio”, “racismo”, “xenofobia”, “discriminação contra a mulher”, “tortura”, “tratamento desumano e cruel”, “abuso infantil”, etc., permitem que pessoas ou grupos humanos prejudicados se reconheçam ao identificar em sua própria experiência os flagelos e formas de maus tratos nominados pela lei (GDE. 2015, módulo IV, p.12).

Sendo assim, utilizar o termo raça para tratar as discriminações e desigualdades dadas pela cor da pele pode ser uma importante arma política para algumas categorias.

Rita Segato distingue três tipos de preconceito e discriminações raciais:

1. O racismo que articula **raça com etnia** que seria aquele que discrimina um grupo étnico – racial por sua diferença fenotípica (as características físicas do sujeito) com um patrimônio cultural particular;
2. O racismo de **raça sem etnia** que se caracteriza pela discriminação contra pessoas com fenótipos raciais específicos como cor da pele, tipo de cabelo, e formato do rosto, lábios e nariz, sem que façam parte de um grupo que tenha um patrimônio cultural diferenciado;
3. O racismo que se funda na **etnia sem raça**, e se manifesta contra pessoas que pertencem a povos marcados pelo cultivo e transmissão de um patrimônio cultural particular e devido aos processos de mestiçagem ao longo da história colonial, não exibem traços raciais (fenótipos) que as/os distinguem da população de sua região ou nação (GDE. 2015, módulo IV, p.13)

Essa classificação é importante para entender a complexidade do fenômeno no mundo, pois apesar de estar presente de maneira universal, o racismo se revela localmente.

O racismo no Brasil tem características muito particulares e se apresenta muitas vezes, sem elementos étnicos (raça sem etnia), que estão ligados na cultura brasileira, seja nos costumes, na religião e/ou nas festas.

Outro autor importante para refletir sobre a discriminação racial no Brasil é Oracy Nogueira. Em um texto intitulado *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem*, (2006) ele constrói os conceitos de origem e preconceito de marca. Neste texto ele esclarece que o preconceito nos Estados Unidos é de origem, ou seja, a diferença racial está ligada à ancestralidade étnica, enquanto no Brasil o que prevalece é o preconceito de cor da pele, no qual a pessoa é discriminada por seu fenótipo e não pela ancestralidade, o que ele classifica como marca.

O preconceito é qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico. Um sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; a intolerância. O conceito apresentado é aquele que está no dicionário, mas serve para demonstrar que esse sentimento é presente em comunidades pobres, como os moradores das favelas que são discriminados.

A autora de *Quarto de despejo; diário de uma favelada* em alguns momentos relata várias brigas com as mulheres da favela, pois elas brigavam com seus filhos. _ “Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como pés de galinha. Tudo espalha” (JESUS, 1955, p. 12).

Cabe ressaltar que é violência por preconceito esta da qual Carolina escreveu no seu diário dirigindo-se aos moradores de alvenaria. Quem tem nojo da pobreza impõe uma hierarquia social que é “a expressão de uma relação de dominação de um grupo ou categoria social sobre outra/o, por exemplo, homens sobre mulheres, ricos sobre pobres, brancos sobre pessoas de pele escura, nativos contra estrangeiros e migrantes, heterossexuais contra homossexuais ” (GÓMEZ, 2007. In módulo 1 GDE. p. 155).

Conforme María Mercedes Gómez,

Os preconceitos são construídos socialmente, quer dizer, o preconceito requer que outros apoiem e confirmem o que eu sinto, assim como as razões que justificam uma conduta violenta contra alguém. Precisamente, esse contexto preconceituoso funciona como uma condição para o êxito do meu gesto violento: para que ele vire um gesto terrorífico tem que estar dado num contexto onde a mensagem seja significativa, o que somente acontece se o preconceito é compartilhado. A violência por preconceito tem um fim simbólico, é uma mensagem, uma ameaça enviada diretamente a uma comunidade, embora inscrita em corpos individuais. (GÓMEZ, 2007, Clam.com.br).

Carolina Maria de Jesus sofreu todos os tipos de preconceitos bem como a sua escrita, pois sua literatura apesar de divulgada em muitos lugares sofre discriminação até hoje.

Quando se leva Carolina Maria de Jesus para a escola, sabe-se que ela nunca passou por lá. Por quê? A literatura dela é considerada marginal junto a isso soma-se o preconceito linguístico que também é levantado ao observar-se a sua escrita. Sendo assim vem à baila a seguinte questão: o que é literatura? Há muito que essa pergunta é feita, contudo as respostas são sempre transitórias, porque a cada tempo surgem novos conceitos. Alguns dizem que literatura é tudo que se escreve. “Existem em nossa volta bibliotecas lotadas de livros, revistas, mas será tudo literatura?” (LAJOLO, 1955, p.17)

Marisa Lajolo, ensaísta, pesquisadora, crítica literária e autora de literatura juvenil tenta responder a essa questão no livro *O que é literatura?* (1955).

Segundo a autora,

existem escritores, poetas, que deram soberania a outros escritores e até leitores para chamar ou não suas obras de literatura. De acordo com ela, tanto pode ser, como não ser literatura, os poemas que guardamos com carinho, os romances que sequer foram publicados, peças de teatro esquecidas pelo tempo, ou mesmo aqueles livros que nenhum professor indica, mas que gostamos de ler, tudo depende do sentido que temos ao interpretá-los. Algumas pessoas definem literatura como sendo algo que a gente escreve, mas precisa que outros a leiam, precisa de um envolvimento social pelo qual a obra deve passar antes de chegar a ser vendida. (LAJOLO, 1955, p.17)

Marisa Lajolo ainda aponta que “a literatura se iguala a qualquer produto produzido e consumido em moldes capitalistas”. Entende-se assim, que uma obra para ser concebida como literatura precisa ter um legado cultural, ou seja, ser aprovada por áreas especializadas. Conforme Audálio Dantas, o livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* “foi discutido e admirado em 13 idiomas, gerando

muita polêmica, rompendo a rotina das magras edições de dois ou três mil exemplares, no Brasil". (JESUS, 1955. Prefácio) O jornalista ainda acrescenta que em poucos meses, a partir de agosto de mil novecentos e sessenta, ao ser lançado, sucessivas edições atingiram em conjunto as alturas de cem mil exemplares.

Percebe-se, então, que tomando a teoria de Lajolo, a obra de Carolina Maria de Jesus encaixa-se nos moldes de uma obra literária, porém a pergunta que volta é: por que não se lê Carolina na escola? Por que seus escritos são considerados Literatura Marginal?

Depois de definidos os conceitos norteadores da pesquisa, vamos à sua aplicação.

3 CENÁRIO DE ESTUDO

A Escola Básica Municipal Osmar Cunha está localizada no bairro de Canasvieiras (praia para os turistas), ao norte da ilha de Florianópolis, na Rodovia Tertuliano Brito Xavier, 661. Ela atende as/os alunas/os dos bairros de Jurerê e Praia do Forte.

A escola foi inaugurada e começou a funcionar no dia quinze de novembro de mil novecentos e cinquenta e sete pelo, então, prefeito Osmar Cunha, recebendo o nome de Grupo Escolar Municipal Osmar Cunha – curso primário. A escola tinha na época quatro salas de aula, um gabinete, uma dependência e banheiros e, na época, estudavam noventa e uma/um alunas/os, distribuídos em dois turnos. Em mil novecentos e setenta, o prédio recebeu uma ampliação, sendo que no ano seguinte, por um Decreto da Secretaria Municipal de Educação foi autorizado o funcionamento como Escola Básica com a efetivação de novas séries a partir da quinta série. Após trinta anos de funcionamento, em mil novecentos e cinquenta e cinco, que a escola contou com uma reforma, e em mil novecentos e noventa e sete recebeu uma segunda reforma, atualmente, a escola está recebendo novas reformas no ginásio e na Biblioteca. O terreno tem 4.980 metros quadrados, totalizando uma área construída de 1.513 metros quadrados. Possui trinta e oito salas de aula, um refeitório, uma sala informatizada, sala de professores, laboratório de ciências, sala da Equipe Pedagógica, sala da secretaria, sala da direção, da administração, sala multimeios, almoxarifado, recepção, depósito de alimentos, cozinha, sala de jogos, uma biblioteca com uma sala de vídeos e um anexo da biblioteca, sala de artes e banheiros, quadra de esportes e um ginásio coberto.

Atualmente, a escola abriga setecentos e cinquenta alunas/os, distribuídas/os em vinte e quatro turmas, doze turmas de ensino fundamental anos iniciais e doze de anos finais. Durante a noite, a escola abriga turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

As/Os alunas/os desta escola são alunas/os moradoras/es das proximidades, mas algumas/uns alunas/os são de outras partes do país. Como Florianópolis é uma cidade que ainda oferece oportunidades de emprego, por ser uma cidade turística, muitas/os educandas/os são de outros estados.

3.1 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes do estudo são alunas/os do oitavo ano do ensino fundamental, final, na faixa etária de 12/13 anos. Como a escola trabalha em regime de aprovação automática, resolução 02/2011, percebe-se que as/os alunas/os não têm se empenhado com muita dedicação, pois culturalmente nem as/os alunas/os e nem as famílias estão preparados e entendem esse sistema de avaliação. A turma é superlotada, trinta e seis alunos. Costuma-se dizer que é bem difícil produzir um ensino de qualidade com as turmas muito lotadas, contudo, isso faz parte do dia a dia dos professores das escolas públicas. Apesar disso, escolhi essa turma porque, mesmo numerosa, é uma turma que costuma fazer as atividades e participar.

A forma de avaliação nesta escola é descritiva, ou seja, as/os alunas/os recebem notas por desempenho, conforme os conteúdos de cada disciplina. A maioria das/os alunas/os dessa turma corresponde de maneira mediana aos descritores. Os descritores são resumidos em: Desenvolvido, Em Desenvolvimento, Não Desenvolveu, Apresentou Dificuldades e Não Trabalhou. Explicita-se isso, para esclarecer que o perfil da turma fica na média do “Em Desenvolvimento”, ou seja, a maioria da turma, na verdade não se esforça, principalmente, pelo fato de saberem que serão aprovadas/os ao final do ano letivo.

A turma é composta por vinte e cinco meninos e onze meninas classificados por gênero conforme a visão biológica. Na turma temos uma menina com Dislexia, porém seu desempenho não é alterado pelo contexto da turma, mas ela recebe um atendimento especial no que se refere aos seus estudos.

Pode-se concluir que essa turma de oitavo ano é uma turma considerada “normal” para os padrões de escola pública.

3.2 COLETA DE DADOS

A aula começa na sala de informática para apresentar Carolina Maria de Jesus aos trinta e seis alunos da turma oitenta e um, de uma escola pública municipal de Florianópolis. A disciplina é Língua Portuguesa e a professora tem

como objetivo demonstrar que é possível estudar o livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus (1955) para mudar as teorias de ensino e as propostas curriculares que priorizam a leitura de livros do cânone, que muitas vezes se distanciam dos saberes prévios das/os docentes.

Em duas aulas, a professora apresentou o livro, *Quarto de despejo; diário de uma favelada* e depois o *Documentário Favela: a vida na pobreza*, que conta a história de Carolina Maria de Jesus. O documentário foi gravado para uma televisão Alemã, e consta dos depoimentos do fotógrafo Stein e do roteirista e produtor Otto Engel, que contam a história da gravação do filme. (<http://goo.gl/7IfUt4>. 2014)

Após assistirem ao filme, houve uma discussão entre as/os alunas/os e constatou-se que nunca haviam ouvido falar da obra de Carolina Maria de Jesus. Nesse momento de discussão, a professora já coloca as questões relevantes para o trabalho com as/os alunas/os. Fala-se na importância de se ler *Quarto de despejo; diário de uma favelada* já que a personagem por ser negra, mulher e pobre carrega marcas que a tornam sofredora de preconceitos raciais e linguísticos que interessam na disciplina de Língua Portuguesa. No debate as/os alunas/os perceberam que a personagem contava a própria vida e conseguiu através da sua escrita traduzir os sentimentos de quem mora na favela. Os depoimentos das pessoas que participaram do filme foram bastante enriquecedores para que as/os estudantes conhecessem, profundamente, a vida da escritora.

Na outra aula a professora levou, novamente, o livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada*, e apresentou um *slide* com várias imagens de Carolina Maria de Jesus, servindo para contar a biografia da autora. No final do *slide* algumas frases sobre Racismo como: *Ser mulher negra é minha essência não minha sentença.* (Feminilidades) *_. Não sou descendente de escravos. Eu descendo de Seres Humanos que foram escravizados.* (Malkota Valdina). *Tal como a escravidão e o Apartheid, a pobreza não é natural. É feita pelo homem e pode ser ultrapassada e erradicada pelas ações de seres humanos* (Nelson Mandela). Estas frases serviram para fazer com que os alunos começassem a pensar mais efetivamente nas questões pertencentes a proposta desta pesquisa.

Aos poucos as/os alunas/os foram participando e dando as suas opiniões sobre essas questões. Com a apresentação dos *slides* a professora tocou em demandas importantes para o cenário escolar, pois como enfatiza Paulo Freire,

“todas as pessoas carregam consigo experiências de vida, assim, não há como separar a realidade da absorção de conteúdos”. (2000, p. 44) A realidade do diário de Carolina toca na realidade das/os alunas/os, pois as questões de raça e gênero aparecem no contexto escolar muitas vezes na forma de *bullying*. A professora falou, também, que a literatura feminina vem sendo discriminada ao longo dos anos, e ainda mais a literatura de autoras/es negras/os, por isso alertou para a importância dessa escrita em sala de aula.

Depois da apresentação de slides pediu-se às/aos alunas/os que respondessem algumas perguntas. Sendo elas: quantas escritoras negras você conhece? Se sim. Quais? Você já leu escritoras negras na escola? Quais? Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus? O livro *Quarto de despejo. Diário de uma favelada* trata da história da escritora quando ela vivia na favela e era catadora de lixo. Você sabe o que é um diário? Já escreveu algum? O que é preconceito para você?

Na próxima aula a professora levou as/os alunas/os para a sala de informática e pediu que pesquisassem no site do (GELEDÉS, 2016), os seguintes conceitos: preconceito, racismo e discriminação. As/Os alunas/os tomaram posse dos conceitos e, após, receberam da professora, fragmentos do texto de Carolina Maria de Jesus, para entender e responder mais algumas questões. Os fragmentos são partes do diário com as datas de quinze e dezesseis de julho de mil novecentos e cinquenta e cinco. Pediu-se que lessem os fragmentos e respondessem mais questões: quais foram as suas impressões sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus; faça um resumo daquilo que está escrito nos fragmentos; reescreva os fragmentos utilizando a escrita formal; procure no dicionário o significado das palavras *abluir* e *aleitar*.

Infelizmente, por conta do grande número de conteúdos que a disciplina de Língua Portuguesa apresenta, não foi possível ler todo o livro, mas com essas aulas já pode-se perceber que as/os alunas/os identificaram-se com a escrita de Carolina Maria de Jesus, mas carregam consigo, o Preconceito Linguístico, pois ao lerem os fragmentos do livro, apontaram, rapidamente, os “equivocos gramaticais” apresentados pela escritora, provando assim, que a escola é responsável por apresentar e tomar como certa somente a escrita do tipo formal, discriminando a escrita de pessoas de pouca instrução. Com isso, também, se percebe que as/os

alunas/os só recebem a cultura das classes dominantes, pois alguns estudantes mostraram um “ar de espanto” quando eles perceberam que o livro foi publicado e traduzido para muitos países e que o próprio documentário foi apresentado na Alemanha.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Participaram da pesquisa trinta e seis alunas/os de uma turma de oitavo ano do ensino fundamental, porém, alguns/as alunos/as não fazem as tarefas, pois, hoje, na rede municipal de ensino, o projeto de aprovação automática ajuda para a falta de interesse e participação das/os alunas/os, dificultando o trabalho da/do professora/or em sala de aula.

Dessas/es trinta e seis alunas/os faremos a análise dos dados de apenas vinte alunas/os que responderam às seguintes questões:

- . Quantas escritoras negras você conhece? Se sim. Quais?
- . Você já leu escritoras negras na escola? Quais?
- . Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus?

Para nossa surpresa as/os vinte alunas/os mencionaram que não conheciam escritoras/es negras/os e pela lógica confirmaram que não leram escritoras/es negras/os na escola. As/Os vinte alunas/os também relataram que estavam conhecendo Carolina Maria de Jesus naquele momento, o momento em que a professora apresentou o livro.

Confirma-se aquilo que já havíamos imaginado ao pensar na pesquisa, a escola e as famílias não apresentam às/os filhas/os – alunas/os- escritoras/es negras/os. Sendo assim, pactuamos das ideias de Conceição Evaristo que fala no *Documentário Favela: a vida na pobreza* da importância de pensarmos em uma nova forma de apresentar a diversidade da Língua Portuguesa, acrescentando que ao deixar de ler esse tipo de texto está se dando mais valor a uma certa cultura, a cultura das classes dominantes, porém as/os alunas/os devem ter acesso a todas as culturas.

Contudo, este trabalho já fez com que as/os alunas/os mudassem a visão nas questões apresentadas, pois nas respostas dadas percebe-se a preocupação com as questões discriminatórias que a professora elencou. Infelizmente, a visão

relacionada ao preconceito linguístico é muito forte, pois percebe-se muito nas respostas delas/es enunciados como: “ ela escreveu errado”. No entanto, elas/es entenderam melhor quando perceberam que a escritora tinha apenas dois anos de estudo. Assim apareceram respostas como: “ a escrita dela é muito complicada e até correta para o pouco estudo que ela teve. ”

Para concluir destaca-se que das três perguntas que considerei mais relevantes na pesquisa todas foram respondidas com um Não.

Os dados da pesquisa foram feitos através da observação das respostas dos alunos em sala de aula, no momento em que a professora apresentou o plano de aula com o objetivo de contar e apresentar a história de vida da escritora Carolina Maria de Jesus, além disso com a análise das respostas dos alunos, dos exercícios pedidos pela professora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da/o professora/or, hoje em dia, mudou muito, a sua atuação não é há muito tempo a mesma do passado. Antes ela/e detinha todo o conhecimento e entregava às/os alunas/os aquilo que havia estudado. Contudo, esse estudo era repassado às/aos estudantes sem que se exigisse uma reflexão ou uma visão crítica dos conteúdos. Hoje, nosso papel é de ensinar às/os alunas/os a pensar, a questionar a aprender sobre a realidade da vida, para que tenham condições de construir as suas opiniões. Conforme aborda Miguel Zabala (2002), na matriz curricular de Florianópolis,

a escola deve assumir valores que estimulem a autonomia dos estudantes, que os oriente para o respeito a si e aos demais, que os direcionem para a solidariedade e para o compromisso com os que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Além disso que os prepare para respeitar a natureza, serem sensíveis ao multiculturalismo e às diferenças e fazer o que estiver ao seu alcance para trabalhar pela paz e pela igualdade entre os povos e as pessoas, sem confundir igualdade com uniformidade e diferença com desigualdade. (MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 09 ANOS – PMF/SME/SC, p. 4).

E, é por conta dessa nova configuração de professora/or e escola que imaginei este trabalho com o diário de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo; diário de uma favelada* (1955). Conforme dito ao longo do trabalho, havia um interesse em, numa breve pesquisa, levantar o debate em torno da literatura que ainda não é participante do currículo das escolas por questões históricas que, comprovadamente, deram visão à literatura da classe dominante que aborda os clássicos literários que são em maioria homens.

Todavia, o aspecto mais relevante deste trabalho foi apresentar às/aos alunas/os a figura de Carolina Maria de Jesus para abordar as questões que foram mais discutidas na Especialização Gênero e Diversidade na Escola (GDE): gênero, raça, etnia, preconceito. Felizmente, com os resultados obtidos a intenção do trabalho foi cumprida, pois pôde-se criar um debate com as/os alunas/os ao dar como exemplo a personagem de *Quarto de despejo; diário de uma favelada*, para mostrar a elas/es as *interseccionalidades* que a personagem carregava, para compará-las com as suas próprias marcas.

Ao fazer a pesquisa sobre o que é racismo, preconceito e discriminação, por exemplo, a/o aluna/o pôde constatar o quanto a escola ainda aborda somente o cânone literário, pois normalmente, as/os professoras/es não expõem em suas aulas esse tipo de conceito, pois estes princípios, comumente, são abordados por autoras/es que se preocupam com as minorias e o cânone privilegia a cultura do colonizador. No caso do Brasil, a cultura do homem branco.

Cabe apontar aqui que como concluinte da Especialização Gênero e Diversidade na Escola é nosso papel mudar essa configuração escolar.

Como o objetivo do trabalho foi fugir dos cânones, *Quarto de despejo; diário de uma favelada* é mais do que um depoimento, é uma obra que mostra condições materiais e culturais da autora e das pessoas que viviam no Canindé. Com a leitura dessa obra constrói-se uma forte e única imagem da dinâmica vida social urbana, vista pelos que estão à margem, as/os faveladas/os.

“Carolina Maria de Jesus escreve para denunciar a favela e para sair dela; escreve também para, diferenciando-se das/os outras/os moradoras/es, lutar contra o rebaixamento a que estão sujeitos os miseráveis, num momento em que se anuncia novo salto modernizador de São Paulo e do Brasil.” (DANTAS. Epígrafe. 1955) A citação de Audálio contribui mais uma vez para reforçar que a intenção do trabalho era citar questões do universo das minorias, tirando a/o aluna/o de uma zona de conforto na qual a escola os coloca, quando só apresenta temas que estão distantes delas/es.

Sendo assim, a pergunta da pesquisa foi respondida, ou seja, as/os alunas/os ainda não recebem a Literatura Marginal nas escolas, mas pelo menos nessas aulas o paradigma foi quebrado, pois o trabalho contribuiu para fazer com que as/os estudantes percebessem a diversidade da população, tiveram um breve panorama da cultura negra no Brasil, debateram sobre a condição da mulher negra no Brasil e no ambiente escolar, além de investigarem questões pertinentes à disciplina de Língua Portuguesa, inscritas no livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

5 REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marco Antônio. **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.
- ARRUDA, Alves Aline. **Carolina Maria de Jesus [manuscrito]: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. 2015.
- GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOMES, A. C. V.; FIGUEIREDO, B. G.; TRUEBA, C. C. **História do Cinema 4**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- GROSSI, Míriam Pillar Grossi et al. **Especialização em gênero e diversidade na escola: Livro IV, Módulo IV**. Tubarão: Copiart, 2015.
- GROSSI, Pillar Miriam; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne, MAGRINI, Pedro Rosas (Org.). **Livro 1 – Módulo I - UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2015.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **O Que é Literatura?** 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- OLIVEIRA, N. S.; ESPINDOLA, L. S.; SANTANA, Thaiana. **Por que ensinar “Literatura Marginal” em nossas salas de aula?** UERG – 2011.
- REVISTA Latino-Americana de História, v. 2, n. 7, set. 2013, Edição Especial. p. 571. Mapas de ausências 1.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 11. ed. São Paulo, 1994.
- TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. 2010.

Webibliografia

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é e como se faz. 2014. Disponível em: <<https://escrevivencia.files.wordpress.com/2014/03/marcos-bagno-preconceito-lingc3bcc3adstico.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

CAZES, Leonardo. **Conceição Evaristo**: a literatura como arte da 'escrevivência'. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>>. Acesso em: 10 out. 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas da discriminação racial relativos ao gênero**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

DEPARTAMENTO de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. Disponível em: <<http://historia.fflch.usp.br/docentes/jcarlosbm>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

FORMAÇÃO de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Curso Gênero e Diversidade Na Escola**. Disponível em: <https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1704/mod_resource/content/0/modulo4/mod4_unidade1_texto1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2016.

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. 2009. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/destaque/conteudo.asp?infoid=3569&sid=43>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

GOES, Emanuelle. **Intersecção do racismo e do sexismo, mulheres negras e saúde**. 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/intersecao-do-racismo-e-do-sexismo-mulheres-negras-e-saude/#ixzz4CuZJvoRw>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

NEVES, Veronica. **O preconceito linguístico**: um meio de exclusão social. 2011. Disponível em: <<https://poeticadepensee.wordpress.com/2011/09/04/o-preconceito-linguistico-um-meio-de-exclusao-social/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. **Literatura marginal**: questionamentos à teoria literária. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

PREFEITURA Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Ensino Fundamental. **Matriz Curricular. Ensino Fundamental de 9 anos**. 2011. Disponível em: <http://biancageo.pro.br/portal/media/files/matriz_curricular_pmf.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Preconceito**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/preconceito.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SANTOMÉ, Torres Jurjo. **Las Culturas Negadas y Silenciadas em El Currículum**. Disponível em: <<https://cienciasdelaeducacionuma.wikispaces.com/file/view/Org+Las+culturas+negadas+y+silenciadas+en+el+curr%C3%ADculum%2C+de+Jurjo+Torres+Santom%C3%A9..pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

WIKIPÉDIA. **Feminismo negro**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feminismo_negro> Acesso em: 01/11/2016.

ANEXOS

PLANOS DE AULA

TRABALHOS DOS ALUNOS

QUESTIONÁRIO

CONCEITOS

RESUMOS

Observação: não foram colocados todos os trabalhos porque a maioria foi feita a lápis o que dificulta a visão digitalizada.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL OSMAR CUNHA

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lúcia Izabel dos Santos Telexa

TURMA: 81

PLANO DE AULA 1 – Carolina vai à escola

Data: 19/9/2016

Horário: 10h30min. (2 aulas)

Data: 21/09/2016

Horário: 10h30min. (2 aulas)

Objetivo Geral: apresentar o livro *Quarto de despejo; diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus para uma turma de oitavo ano de ensino fundamental de uma escola pública para reconhecer as funções sociais dessa obra.

Objetivos específicos:

- Contribuir para que os educandos aceitem a diversidade da nossa população.
- Discutir a importância da cultura negra no Brasil, bem como combater o racismo e o preconceito racial no âmbito escolar.
- Levantar um debate relacionado a condição da mulher na sociedade e ainda mais sendo negra.
- Levar os alunos a refletirem sobre as interseccionalidades trazidas na escrita de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1955) de Carolina Maria de Jesus.
- Investigar, de forma breve, as marcas de oralidade presentes na narrativa de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1955), de Carolina Maria de Jesus.
- Perceber a linguagem culta e a informal.

Conhecer os conceitos de: Literatura Marginal. Escrivência. Gênero. Interseccionalidade. Raça.

Conhecimentos abordados:

O gênero diário. (Função social)

O gênero autobiografia.

Leitura de fragmentos.

Significado e sentido da palavra autobiografia.

Diferença entre oralidade e escrita.

Diferença entre linguagem formal e informal.

Conhecimentos dos conceitos citados acima.

Local: sala de informática e sala de aula.

Metodologia:

Procedimentos didáticos.	Cronograma
Receber os alunos e fazer a chamada.	5 min.
Apresentar o livro com o <i>Power point</i> .	10 min.
Conversar sobre diários e autobiografia.	10 min
Apresentar a história da autora do livro.	5 min.
Mostrar o vídeo sobre a história de Carolina Maria de Jesus.	10 min.
Discussão sobre tudo.	10 min.
Pedir aos alunos para pesquisarem os conceitos de preconceito, discriminação e racismo.	30 min.
SEGUNDA AULA	
Fazer a chamada.	5 min.
Explicar a diferença entre oralidade e escrita.	10 min.
Distribuir fragmentos do livro, página 9, para que os alunos respondam algumas questões	3 min.
Explicar a escrita diferente da autora.	5 min.
Pedir que os alunos façam as questões.	62 min.

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com a participação efetiva nas atividades de atenção/escuta e interpretação dos textos lidos; como critérios serão considerados a pertinência das repostas aos questionamentos propostos.

Referências

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL OSMAR CUNHA

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lúcia Izabel dos Santos Telexa

TURMA: 81

PLANO DE AULA 2 – Carolina vai à escola

Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.

Carolina Maria de Jesus

Objetivos

- Contribuir para que os educandos aceitem a diversidade da nossa população.
- Discutir a importância da cultura negra no Brasil, bem como combater o racismo e o preconceito racial no âmbito escolar;
- Levantar um debate relacionado a condição da mulher na sociedade e ainda mais sendo negra;
- Levar os alunos a refletirem sobre as interseccionalidades trazidas na escrita de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2007) de Carolina Maria de Jesus;
- Investigar, de forma breve, as marcas de oralidade presentes na narrativa de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2007), de Carolina Maria de Jesus;
- Perceber a linguagem culta e a informal.

Metodologia

Entregar aos alunos fragmentos do livro *Quarto de despejo. Diário de uma favelada*. (Carolina Maria de Jesus. 1955).

Depois da leitura feita por eles, entregar um questionário com várias questões;

Ir discutindo aos poucos as questões;

Conversar com eles sobre a escrita da autora, o que observaram sobre os fragmentos;

Pedir aos alunos que exponham da maneira como quiserem suas opiniões sobre as questões.

- 1- Quantas escritoras negras você conhece? Você já leu alguma? Quais?
- 2- Você já leu escritoras negras na escola?
- 3- Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus?
- 4- O livro *Quarto de despejo* da escritora Carolina Maria de Jesus trata da história da escritora quando vivia na favela e era catadora de lixo. Em forma de diário a autora conta a sua vida e suas dificuldades com os três filhos que criou sozinha.
- 5- Você sabe o que é um diário?
- 6- Você já escreveu algum?
- 7- Você se interessaria pela história da escritora? Por quê?
- 8- Na época da ditadura o livro de Carolina, *Quarto de despejo* foi proibido. Você sabe por quê?
- 9- O que é preconceito para você?
- 10- Você acha que há diferenças de raça entre os humanos, pelo fato de existirem pessoas de cor de pele diferentes?
- 11- Carolina sofre triplamente sendo mãe solteira de três filhos, negra e moradora da favela. Você considera que ainda existe preconceito com esse modelo de mulher? Por quê?
- 12- O que é racismo?
- 13- Você acha que existe racismo no Brasil?

Avaliação:

Os alunos serão avaliados de acordo com a participação efetiva nas atividades de atenção/escuta e interpretação dos textos lidos; como critérios serão considerados a pertinência das repostas aos questionamentos propostos.

Referências

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doía-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O onibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no nucleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melho-ral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar agua mamãe!

16 DE JULHO Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura.

Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os

19 → 09 → 2016
TURMA 81

PRECONCEITO

• PRECONCEITO É UMA OPINIÃO QUE FORMAMOS DAS PESSOAS ANTES DE CONHECÊ-LAS. É UM JULGAMENTO APRESSADO E SUPERFICIAL E MUITO PERIGOSO.

RACISMO

• AS PESSOAS QUE NÃO CONSEGUEM DEIXAR DE SER PRECONCEITUOSAS PODEM VIR A SE TORNAR RACISTA. UM RACISTA ACREDITA QUE EXISTEM RAÇAS SUPERIORES ÀS OUTRAS, O QUE É GRANDE TOLICE, POIS NA ESPÉCIE HUMANA, NÃO PODEMOS DIZER QUE EXISTAM RAÇAS.

DISCRIMINAÇÃO

• A PESSOA QUE FAZ ISSO, GERALMENTE, QUER VALORIZAR A SI PRÓPRIO E DIMINUIR OS DEMAIS MESMO "DE BRINCADEIRA". É INSEGURA ^{PORQUE} QUE NÃO TEM CAPACIDADE DE CONVIVER COM OS OUTROS E ACEITAR AS DIFERENÇAS NATURAIS ENTRE OS SERES HUMANOS.

credeal

Respostas do trabalho sobre conceitos de preconceito, racismo e discriminação.

Fonte: Plano de aula 1

Turma: 81

Racismo: Consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas entre os povos. Muitas vezes toma a forma de ações sociais, práticas ou crenças, ou sistemas políticos que consideram que diferentes raças devem ser classificadas como inerentemente superiores ou inferiores com base em características, habilidades ou qualidades comuns herdadas. Também pode afirmar que os membros de diferentes raças devem ser tratados de forma distinta.

Discriminação: É o ato de separar, injuriar e humilhar. Pode ocorrer em diversos contextos, porém o contexto mais comum é o social, através da discriminação social, cultural, étnica, política, religiosa, sexual ou etária, que podem, por sua vez, levar a exclusão social.

Preconceito na escola: É um grande desafio para todos que estão envolvidos. Os que mais sofrem com essas manifestações são deficientes, geralmente os mentais, depois os negros, índios, ciganos, homossexuais e mestiços. Devido a maneira que o professor trata o aluno, muitas vezes sendo mais hostil, observou-se que existe relação entre desempenho escolar e preconceito, mas isso não explica o preconceito nas escolas brasileiras.

Respostas do trabalho sobre conceitos de preconceito, racismo e discriminação.

Fonte: Plano de aula 1

19/09/18
Turma: 81

Racismo As pessoas que não conseguem deixar de ser preconceituosas podem vir a se tornar racistas. Um racista acredita que existe raças superiores às outras, o que é grande tolice, pois na espécie humana, não podemos dizer que existem raças: a cor da pele, a forma do nariz, o tipo de cabelo, o tipo de sangue, o formato e cor dos olhos, a espessura dos lábios não são suficientes para estabelecer diferentes tipos de raças.

Discriminação As pessoas que por isso, geralmente, quer valorizar a si próprias e diminuir os demais mesmo de brincadeira. É insegura porque não tem capacidade de conviver com os outros e aceitar as diferenças naturais entre os seres humanos. Os preconceituosos e racistas têm dificuldade em aceitar a conviver com a diferença.

Preconceito é uma opinião que formamos, das pessoas antes de conhecê-las, é um julgamento apressado e superficial e muito perigoso, pois ao invés de melhorar a nossa vida e da sociedade, acaba criando muitas situações complicadas e até mesmo violentas.

FORONI

Respostas do trabalho sobre conceitos de preconceito, racismo e discriminação.

Fonte: Plano de aula 1

T. 81

Preconceitos

O preconceito é uma opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las. É um julgamento apressado e superficial e muito perigoso.

Racismo

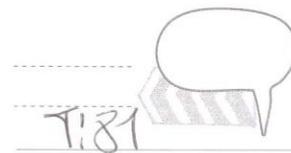
As pessoas que não conseguem deixar de ser preconceituosas podem vir a se tornar racistas. Um racista acredita que existe raças superiores às outras, e que é talice, pois na espécie humana, não podemos dizer que existem raças.

Discriminação

A discriminação é ~~o~~ tratar ~~o~~ os outros com inferioridade, se julgando superior.

Respostas do trabalho sobre conceitos de preconceito, racismo e discriminação.

Fonte: Plano de aula 1



Preconceito: é opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las, um julgamento grosseiro e superficial e muito perigoso

Racismo:

As pessoas que conseguem deixar de ser preconceituosas podem vir a se tornar racistas. Um racista acredita que existe raça superior

Discriminação:

É portanto, tratar os outros com inferioridade, se julgando superior, a pessoa que faz isso se insere porque não tem capacidade de conviver com os outros e aceitar as diferenças naturais entre os seres humanos.

Preconceito, racismo e discriminação no contexto escolar

19/09/16

Preconceito é uma opinião que formamos das pessoas antes de conhecê-las. É um julgamento apressado e superficial e muito perigoso.

Um **racista** acredita que existe raças superiores às outras, na espécie humana, não podemos dizer que existem raças, características não são suficientes para estabelecer diferentes tipos de raças entre os seres humanos que biologicamente são iguais em quase tudo.

Discriminação é um se achar superior ao outro no meio escolar isso ocorre de diversas maneiras, desde xingamentos até as vezes brigas causadas pela discriminação: de raça, por alguém usar óculos, por ser o "CDF" da turma, pelo tamanho e até por namorar outras pessoas.



Respostas do trabalho sobre conceitos de preconceito, racismo e discriminação.

Fonte: Plano de aula 1

12/9/16

Turma: 81

1- Quantas escritoras negras você conhece? Quais?

Nenhuma.

2- Você já leu escritoras negras na escola?

Não.

3- Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus?

Não.

4- O livro "Quarto de despejo. Diários de uma favelada" trata da história da escritora quando vivia na favela e era catadora de lixo. Em forma de diário a autora conta a sua vida e suas dificuldades com os três filhos que criou sozinha.

a) Você sabe o que é um diário?

Sim, é onde as pessoas escrevem seus sentimentos, etc.

b) Já escreveu algum? Por quê?

Não, porque não gosto de diário.

5- Você se interessaria pela história de Carolina Maria de Jesus? Por quê?

Não, porque não gosto de histórias desse tipo.

6- O que é preconceito?

Quando a pessoa julga a outra pelo jeito dela ser.



Turma: 81

1) Quantos escritores negros você conhece? Quais?
Nenhum

2) Você já leu escritores negros na escola?
Sim

3) Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus?
Não

4) O livro "Quarto de despejo. Diário de uma favelada" trata da história da escritora quando vivia na favela e era catadora de lixo. Em forma de diário a autora conta a sua vida e suas dificuldades com as três filhas que criou sozinha.

5) Você sabe o que é um diário?

É um livro onde você conta o que aconteceu durante o dia.
Lá no qual (em que)

6) Você encontrou algum? Por que?

Não. Nunca tive interesse em escrever um.

7) Você se interessaria pela história de Carolina Maria de Jesus? Por que?

Sim. Porque é uma vida que eu nunca tinha visto.

8) O que é preconceito?

É uma opinião / os conceitos diferentes dos outros.
credeal



12 03 16

TURMA: 81

1) NÃO CONHECI NENHUMA.

2) NÃO.

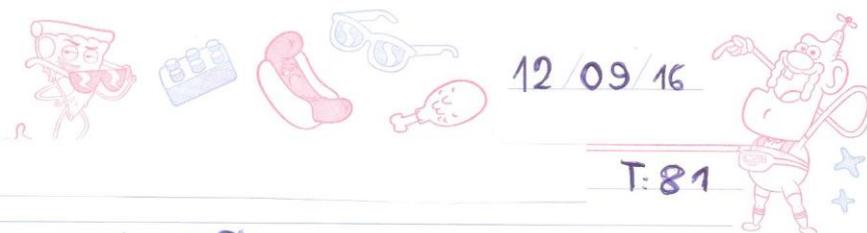
3) NÃO.

4) A SIM.

5) NÃO, MAS SUBIA.

6) NÃO, EU NÃO SOU MUITO DE LER.

7) ~~PARA~~ PARCONCEITO É QUANDO VOCÊ CHAMA ALGUÉM DE VIADO, PRETO, ETC...



- 1- Não, nenhuma
- 2- Não, não li nenhuma
- 3- Não, não conheço
- 4- a) Sim, é uma série de anotações pessoais.
b) Não, não escrevi nenhum
- 5- Não, não me interessaria. Fingê não (risos).
- 6- Preconceito é expressar a opinião de forma desrespeitosa e sem educação (e ofendendo).

11.03.16
D.S.T.Q.Q.S.S

1- Quantas escritoras negras você conhece?
Quais?

Só me lembro de uma, a escritora de tudo e todas as coisas.

2- Você já leu escritoras negras na escola?

Não, nunca li escritoras negras na escola.

3- Você conhece a escritora Carolina Maria de Jesus?

Eu não conheço a escritora Carolina Maria de Jesus até hoje.

4- O livro "Quanta de Olpejo. Diário de uma favelada" trata da história da escritora quando vivia na favela e era catadora de lixo. Em forma de diário a autora conta a sua vida e suas dificuldades com os três filhos que cria sozinha.

a) Você sabe o que é um diário?

Sim, eu sei.

b) Já escreveu algum? Por quê?

Já tentei escrever um diário, mas não deu muito certo. Porque quando não acontece nada de interessante para mim, eu escrevo inventado.



1ª Turma 81

① Uma história motivante
 um pouco triste com linguagem
 informal e trocadilhos fúteis do vida
 real.

② Mãe mãe de verdade passa
 sufoco para dar as coisas para
 suas filhas: comida, roupa e etc.
 trabalhando pegando papel e latim
 ganha pouco que é para comida
 com "sankes" de comprar um
 sapato para sobre uma máquina de
 costura e um macedor de carne.

③ Eu achei um par de sapatos no lixo
 lá de lá, sumendo para ela usar

Eu não tinha nenhum justa
 para comprar pace

Resolvi não sair pra cortar papel

levar umas latas para vender

- sair para cortar papel

④ Tirar, surugar, onubar, baner

D. S. T. Q. Q. S. S

Questões sobre o fragmento do diário "Quanto de alcejo. Diário de Carolina Maria de Jesus.

→ Quais foram suas impressões sobre a escrita da autora?

Por mais que seja informal, é uma escrita boa para quem tem tem apenas dois anos de estudo.

→ Faça um breve resumo daquilo que está escrito nos fragmentos lidos. Dia 15 de julho de 1955 e 16 de julho.

15 de julho de 1955 no aniversário da filha, ela queima um pedaço de presente um pão de rapa-pão, mais o dinheiro era pouco e esse pouco que tinha era para comprar alimentos. No lixo, ela achou um saquinho, limpou e remontou para sua filha.

Após brincar com Anna do litro por pão, forneceu o dinheiro do papel, 65 cruzeiros, que foram gastos com comida. Passou o resto da tarde indolente, tomou remédio e dormiu. Acordou com sua filha pedindo-lhe para trazer água.

16 de julho Após se levantar e trazer água, fez o café e avisou as crianças que não tinha pão que elassem com farinha. A indisposição logo passou e ela pode ler algumas letras e ouvir o seu irmão, de um total de 15 cruzeiros. Ficou pensando em tudo que pre-



20/09/16

Resumo - Fragmentos de Quarto

02. 15 de julho de 1955 aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização de meus desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida.

16 de junho levantei cedo e a Vera Eunice foi buscar água e café. Anxiosa as crianças que não tinha pão que tomavam café simples e comiam carne com farinha. Eu estava indisposta receber amigos-me. Até a Vera, duas vezes, certifiquei-me que eu estava com meu olho.

04. Abluis e ois de Abluis.

03. 15 de Julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos meus desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então, eu levei 3 litros e trouxe com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Foi receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passou o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. À noite o peito doeu-me. Comecei a tossir. Acabei não sair à noite para catar papel. Procurei meu filho João José.

21/10/22

Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho.
O ônibus atirou um garoto na calçada e a turbina afundou
se. Ele estava no chão. Deu-lhe um tapas e em cinco
minutos ele chegou em casa.

Ablei as crianças, abite-as e abite-me e abite-me.
Esperei até as 12 horas, um certo alguém. Ele não veio.
Tomei um melhoral e diste-me novamente. Quando depois
tu o astro em distância no espaço. A minha filha Vera Eu
meu deusa: — Vai buscar água mamã!

1. Achei sobre uma leitura razoável, porque têm alguns
erros de gramática.

D.S.T.Q.Q.S.S

eu não tinha dinheiro para comprar, mas não tinha dinheiro suficiente. Chegando em casa fez almoço para as crianças e foi cortar papel.

→ Reescrevam os fragmentos utilizando a linguagem formal.

Hoje, dia 15 de julho, é aniversário de Vera. Eu e ela, minha filha. Eu estava pensando em comprar-lhe um par de sapatos de presente, mas por falta de dinheiro, que além de pouco, era usado para suprir nossas necessidades alimentares. Tive de procurar no lixo, por sorte, encontrei um par de sapatos. O limpei e remendei para que ela pudesse calçar.

Não tinha dinheiro algum para comprar pão. Troquei com seu Arnaldo, lithos por pão. Foi receber o dinheiro do papelão que junto neste mesmo dia, conseguindo um total de 65 cruzeiros. Comprei alguns alimentos que necessitava e logo não restou mais nada de dinheiro.

Passsei o resto do dia indispasto e percebi que estava resfriada. À noite meu peito doía, comecei a tossir.

Do invés de cortar o papelão, resolvi procurar meu filho, João José. O encontrei na rua - Clubinho de Carvalho, perto de um supermercado. Um menino foi posto para fora do ônibus e um vendedor de pestoos ajudou. João José estava bem no meio, dei-lhe um abraço e fomos para casa.



D.S.T.q.q.s.s

Após me limpar e limpar as crianças, me alimentei e alimentei-as, fiquei a espera de um centavo alguém que não apareceu.

Tomei um remédio e deitei-me novamente. Ao acordar que acordei, o sol já brilhava, e minha filha Vena Eunice, me pediu para levantar logo.

→ Procure no dicionário o significado da palavra ABZUR.

Abzur = lavar limpar.

Abzur = dar deite.



